



Brincar e sua Singularidade



INSTITUTO
OMP
Olinto Marques de Paulo



Primeira Infância

A Primeira Infância compreende a fase dos 0 aos 6 anos e é um período crucial no qual ocorre o desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais, bem como a aquisição de capacidades fundamentais que permitirão o aprimoramento de habilidades futuras mais complexas. Crianças com desenvolvimento integral saudável durante os primeiros anos de vida têm maior facilidade de se adaptarem a diferentes ambientes e de adquirirem novos conhecimentos, contribuindo para que posteriormente obtenham um bom desempenho escolar, alcancem realização pessoal, vocacional e econômica e se tornem cidadãos responsáveis.



O impacto do desenvolvimento na Primeira Infância

“As crianças, quando bem cuidadas, são uma semente de paz e esperança.” - Zilda Arns Neumann

Conforme Dr. Jack P. Shonkoff, pediatra e diretor do CDC em Harvard, “desde a gravidez e ao longo da primeira infância, todos os ambientes em que a criança vive e aprende, assim como a qualidade de seus relacionamentos com adultos e cuidadores, têm impacto significativo em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social”.

Das células do cérebro, 90% são formadas antes do nascimento e nos sete anos seguintes ao nascimento, e trilhões de conexões entre os neurônios - as chamadas sinapses - acontecem logo depois do nascimento. O desenvolvimento do cérebro é extremamente suscetível às influências do ambiente onde a criança vive.

Ao nascer, a criança traz consigo o potencial e as competências para se desenvolver: cabe aos adultos oferecer ambientes que favoreçam esse processo. Desde recém-nascida, a criança é um aprendiz voraz. Os cem bilhões de neurônios de seu cérebro estão prontos a se conectar por meio das sinapses. Aos quatro anos, o cérebro poderá ter atingido a metade de seu potencial quando adulto.

Cientistas têm descoberto que sem o toque, sem o brincar e outros estímulos, o cérebro de um bebê pode-se desenvolver significativamente menos, o que corresponde a menos sinapses realizadas. E o ambiente não afeta somente o número de células do cérebro, mas também o caminho que essas conexões fazem em suas ligações. No momento em que um menino ou menina completa 6 anos, seu cérebro já desenvolveu os amplos contornos de sua auto-estima, de senso de moralidade, responsabilidade e empatia, sua capacidade de aprendizado e de relacionamento social, e outros aspectos de sua personalidade.

Conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases, a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A mesma normativa estabelece que a educação infantil será oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para

crianças de até três anos de idade, e em pré-escolas, para as crianças de quatro a cinco anos de idade, período compreendido como Primeira Infância.

Dada a importância desta faixa etária como base da vida humana, período compreendido e contemplado na Educação Infantil e dada a importância do ambiente e das relações para o desenvolvimento humano, o **Instituto Olinto Marques de Paulo** promove o projeto de formação continuada para gestores e líderes de processos educativos de creches e pré-escolas, contemplando a importância e a singularidade do Brincar para o desenvolvimento motor, linguístico e cognitivo do ser humano, buscando através de diferentes ações contribuir com a sociedade promovendo a consciência da importância dos primeiros anos de vida do ser humano para a construção da identidade do indivíduo.

Este projeto é nomeado

BRINCAR E SUA SINGULARIDADE.



Projeto brincar
e sua singularidade



Desenvolvimento Motor

Se pensarmos bem, todo começo é sempre algo que requer um cuidado extra, onde estamos mais atentos a tudo: as primeiras semanas de uma gestação, os primeiros meses de um bebê, o começo de um relacionamento, o primeiro dia de aula... E por quê? Porque é no início que se formam as bases sobre as quais irá se apoiar tudo o que está por vir, é o alicerce. Se esse alicerce não for bem estruturado, sólido e seguro o que vier a seguir não poderá se desenvolver plenamente, ou não poderá se desenvolver de modo algum.

Na natureza, todo crescimento tem um ritmo e um tempo certo para cada coisa. Quando uma nova planta brota, há um longo percurso antes que ela dê flores e frutifique. Várias etapas precisam ser cumpridas antes.

Primeiro, ela precisa criar raízes e um caule forte que a sustente, galhos e folhas para colher a energia do sol. Só depois é que aparecerão os primeiros botões. Se a planta for impedida de criar as raízes na hora certa, mais tarde não aguentará o próprio peso e cairá no solo. Podemos chamar de janelas de desenvolvimento ou janelas de oportunidades. Há um momento certo em que elas estão totalmente abertas, depois disso, ou estão apenas entreabertas, ou fechadas para sempre.

Experimentos mostraram que ratos que passaram as primeiras semanas de vida, (quando se abre a janela para o desenvolvimento da visão) num ambiente com estímulos apenas verticais, quando posteriormente, foram colocados num local com estímulos verticais e horizontais, ignoravam totalmente os últimos e, ao se locomover, batiam em tudo que não fosse vertical.

No ser humano não é diferente. Também temos janelas que se abrem e se fecham durante o nosso desenvolvimento, determinando o momento ideal para adquirirmos uma dada capacidade. Se pensarmos como é o mundo de um feto podemos dizer que é sempre morno, escuro, com sons suaves, sem cheiros, sem gravidade, contido. Assim que nasce, o bebê entra num mundo totalmente diferente, cheio de luz, cores, sons, cheiros, texturas. Passa a sentir frio ou calor, tem muito espaço a sua volta e está sujeito às leis da gravidade. Ele agora precisa aprender muito sobre o seu corpo e o seu mundo para poder atuar nele. É nesses primeiros aproximados seis anos de vida que se abrem as janelas de tudo que se relaciona com o desenvolvimento do seu corpo. Nessa fase, sua energia vital está totalmente recrutada para esse fim e uma dessas janelas é a do desenvolvimento motor.



Quando a criança nasce, ela só apresenta alguns poucos reflexos como, por exemplo, o de virar o rosto quando algo a toca na bochecha, o de sugar, e também movimentos involuntários. Aos poucos, os reflexos desaparecem e a criança aprende a se mover com propósito. No ser humano, o desenvolvimento motor acontece segundo dois princípios:

1- Princípio céfalo-caudal - de cima para baixo, ou seja, da cabeça para os pés. Os bebês aprendem primeiro a sustentar a cabeça, depois o tronco e finalmente ficam em pé. Assim também, aprendem antes a usar as mãos e só depois os pés.

2- Princípio próximo-distal - do centro para a periferia, das partes próximas ao centro do corpo para as partes externas, ou seja, do tronco para as mãos e do tronco para os pés. Os bebês aprendem primeiro a usar a parte superior dos braços e das pernas, depois as mãos e os pés e finalmente os dedos e os artelhos. No mundo todo, independentemente do local onde vivam, da sua raça, cultura, religião, as crianças se desenvolvem segundo esses princípios.

Vários autores descrevem a sequência de habilidades motoras que a criança pequena segue nesse processo. Todas essas descrições são muito semelhantes. Emmi Pickler, pediatra austríaca, foi diretora de um orfanato na Hungria por 30 anos

e fez um estudo minucioso com 2000 crianças. Ela propôs sete fases principais para o desenvolvimento céfalo-caudal da criança, do nascimento à conquista do andar:

1ª fase - a criança, deitada de costas, aprende a virar de lado e ficar deitada de lado.

2ª fase - agora a criança também vira de bruços e fica deitada de bruços.

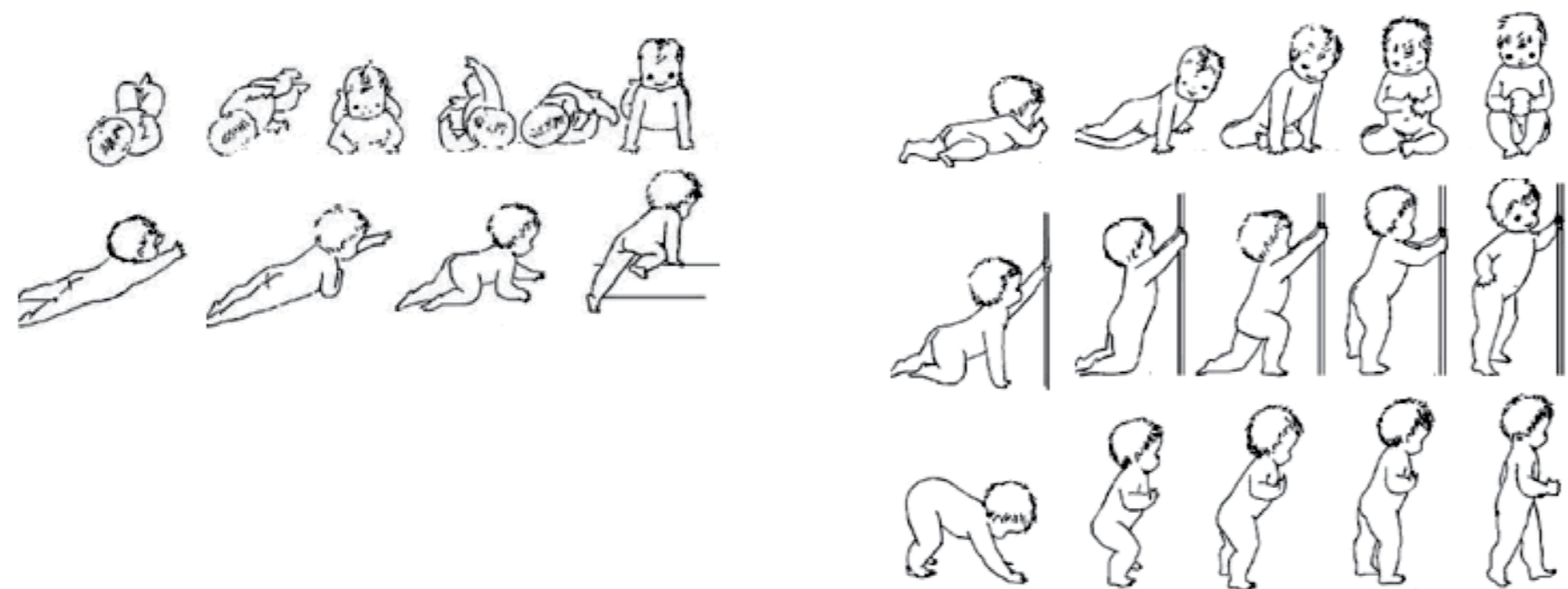
3ª fase - de bruços, ergue o tronco com a força dos braços, fica na posição de engatinhar e volta a ficar de bruços. Arrasta-se de bruços. Fica meio sentada.

4ª fase - já senta, engatinha, fica de joelhos e senta sobre os calcanhares.

5ª fase - ergue-se e fica em pé, segurando em algo.

6ª fase - ergue-se livremente, ficando em pé, e volta a andar de quatro (andar de urso: mãos e pés apoiados no chão).

7ª fase - dá os primeiros passos; anda com segurança.



“O desenvolvimento motor se produz de modo espontâneo, mediante a atividade autônoma, em função da maturidade orgânica e nervosa. Sendo assim, as crianças com boa saúde física e psíquica passam por todas as etapas da motricidade por sua própria conta e em determinada ordem, sem que os adultos precisem ensiná-las a sentar, engatinhar ou mesmo andar. Não é bom adiantar nenhuma fase, nem colocar a criança em uma posição que não tenha sido conquistada por ela mesma”.

- Mover-se em Liberdade, Emmi Pikler

As conquistas seguintes podem ser descritas assim:

- aprende a descer e subir escadas, um degrau de cada vez.
- é capaz de dar passos para trás, de correr e de abaixar para pegar algo no chão sem perder o equilíbrio.
- equilibra-se na ponta dos pés e pula com ambos os pés.
- equilibra-se num pé só.
- sobe e desce escadas, agora colocando apenas um pé em cada degrau.
- salta alternando os pés.

Com relação ao desenvolvimento motor próximo-distal, a criança começa a perceber que aquele bracinho que aparece e desaparece da sua frente, movido

involuntariamente, faz parte dela, e começa então a controlá-lo. É a fase em que o bebê descobre e brinca com as próprias mãos. O mesmo acontece mais tarde com as pernas e os pés. As mãos e os pés são, então, seus primeiros brinquedos. A criança agora já se move com propósito e passa a pegar os brinquedos com as mãos.

Numa primeira fase, os dedos funcionam todos da mesma forma. Mais tarde, ela começa a usar o polegar como dedo opositor, um movimento tipicamente humano.

Pernas e pés também passam a estar cada vez mais no controle da criança. Primeiro ao trazer o pezinho para a boca, depois ao engatinhar, ao dar os primeiros passos e finalmente ficar na ponta dos pés e então nos calcanhares. Nos anos seguintes, ela continua conquistando maior amplitude, refinamento e precisão nos movimentos de braços, mãos, pernas e pés. Muitos estudos colocam idades aproximadas para cada uma dessas etapas, mas isso é muito relativo, como veremos mais tarde.

De forma geral, as crianças conquistam as fases descritas acima entre o nascimento e os cinco ou seis anos. Nos primeiros sete anos a criança aprende principalmente pela repetição e pela imitação.

A criança pequena é incansável e não desiste. É capaz de repetir inúmeras vezes o mesmo movimento até alcançar seu objetivo. Também observa atentamente os



mais velhos e os imita. O desenvolvimento motor na criança é acompanhado de perto pelo desenvolvimento do seu equilíbrio. Esse equilíbrio é que vai propiciar a sua libertação das forças da gravidade. Primeiro a criança aprende a equilibrar a cabeça, depois o tronco e, finalmente, equilibra seu corpo todo, coloca-se em pé e desenvolve o andar ereto, que também é uma postura exclusiva do ser humano. Quanto mais a criança tiver a oportunidade de desenvolver seus movimentos e seu equilíbrio nesses primeiros sete anos de vida, mais estará liberto no futuro para atuar no mundo como um ser humano pleno.

“Enquanto aprende a contorcer o abdômen, rolar, rastejar, sentar, ficar de pé e andar, (o bebê) não apenas está aprendendo aqueles movimentos como também o seu modo de aprendizado. Ele aprende a fazer algo por si próprio, aprende a ser interessado, a tentar, a experimentar. Ele aprende a superar dificuldades. Ele passa a conhecer a alegria e a satisfação derivadas desse sucesso, o resultado de sua paciência e persistência.”

- O que o seu bebê já consegue fazer?

(What can your baby do already?), Emmi Pilker

O que afeta o desenvolvimento motor?

1- Hereditariedade

O ritmo de crescimento, de amadurecimento corporal, assim como estatura e tendência à obesidade são alguns dos fatores que possuem um componente genético.

2- Alimentação

O tipo de alimentação que a criança recebe nos primeiros anos de vida tem uma grande influência no seu desenvolvimento motor. A desnutrição retarda e compromete a qualidade da aprendizagem motora. Por outro lado, a alimentação excessiva leva ao sobrepeso, a criança se cansa facilmente, se torna sedentária, o que impede um desenvolvimento motor saudável. Uma alimentação muito pastosa ou líquida não exige que a criança mastigue. Isso compromete uma conformação correta da arcada dentária e o desenvolvimento motor da boca e da língua, afetando, conseqüentemente, a aquisição da fala.

3- Ambiente

Em seus estudos, Emmi Pickler mostrou a importância crucial do ambiente no desenvolvimento motor em crianças pequenas. Elas precisam estar livres, para tentar

conquistar cada uma das etapas sem a interferência, ou “ajuda” dos mais velhos. Não se deve colocar a criança numa postura que ela ainda não conquistou por si. Se a criança ainda não se senta sozinha, não deve ser colocada nessa posição, pois seu corpo ainda não está preparado para isso. Devem ter à sua disposição, estímulos e desafios condizentes com seu desenvolvimento. E, principalmente, têm que ter um adulto que lhes transmita amor, afeto, interesse e que, portanto, traga à criança um sentimento de confiança. Alguns dos itens que usamos com os bebês hoje em dia atrapalham bastante seu desenvolvimento motor. No bebê-conforto, por exemplo, o bebê é levado a observar passivamente o ambiente a sua volta num momento em que deveria estar deitado de costas num lugar amplo, que o permitisse brincar com suas mãos e pés, virar seu corpo de lado, de bruços, e assim ir tomando conhecimento de si mesmo. Móveis também levam a essa contemplação passiva. Os andadores também acabam adiantando alguns comportamentos e pulando etapas importantes do desenvolvimento da criança, além de já terem se mostrado bastante perigosos.

4- Cultura

Aspectos culturais também podem influir no desenvolvimento motor. Como exemplo, podemos citar as crianças mexicanas. Um estudo mostrou que elas conquistam mais cedo os movimentos das mãos e dos dedos do que as crianças americanas. Isso se dá porque os bebês mexicanos não têm brinquedos e, assim, brincam com suas

mãozinhas por muito mais tempo que os americanos. Por outro lado, demoram muito mais para andar. Isso porque no México, os bebês são mantidos enrolados em panos, dormem em redes e dificilmente são colocados no chão para brincar. Hoje em dia, há uma tendência à intelectualização precoce, com isso, impedimos que a criança tenha um desenvolvimento motor pleno na idade certa. Elas se tornam desvitalizadas, desajeitadas e sem equilíbrio.

5- Social

A criança aprende imitando nos primeiros anos de vida e absorve tudo o que está à sua volta sem qualquer proteção ou filtro. Assim, a ansiedade dos pais, família e educadores influencia muito o seu desenvolvimento motor nessa fase. Os pais, família ou educadores muitas vezes têm pressa em ver a evolução de seus filhos/alunos, comparam com outras crianças, e os pequenos procuram responder a essas expectativas, apressando e atropelando essa evolução. Outro exemplo de como o ambiente social e a imitação afetam o desenvolvimento motor na infância podemos ver nos casos de crianças que foram criadas por animais. Há vários casos, mas talvez o mais famoso seja o do menino indiano que foi criado desde bebê por uma matilha de lobos. Ao ser encontrado, o menino só andava de quatro, não tinha adquirido o andar ereto dos humanos, também não falava, vocalizava como lobos, e comia carne crua, no chão. Morfologicamente, seu corpo havia sofrido transformações, principalmente nos membros e na região bucal.



Papel do desenvolvimento motor da criança na vida futura

Como já foi dito anteriormente, nos primeiros anos a criança está mais aberta para aprender sobre o seu corpo. Entre as janelas que se abrem nessa época está a do desenvolvimento motor. Nunca mais a criança terá à sua disposição a mesma energia, a mesma prontidão do corpo e a mesma maleabilidade do sistema nervoso central.

Nessa fase, junto com o movimento, a criança desenvolve a percepção de profundidade, de tridimensionalidade, e o equilíbrio. O desenvolvimento motor pleno e saudável permite que a criança adquira conhecimento sobre si e sobre seu corpo, sobre tudo o que ela é capaz de fazer e conquistar. Isso dá a ela uma sensação de liberdade e a transforma num adulto com autoconfiança, perseverança, força de vontade, iniciativa e equilíbrio emocional. Um exemplo disso está num estudo que verificou como estavam as pessoas que haviam sido criadas nos orfanatos da Hungria durante o pós-guerra. A maioria desses adultos tinha pouco estudo, vivia de subempregos, não havia constituído família ou tinha uma família desestruturada e não se considerava feliz. No entanto, um orfanato se destacou, com resultados totalmente diferentes. As pessoas que haviam sido criadas no orfanato Loczy, dirigido por Emmi Pikler, tiveram um futuro muito diferente. No geral, haviam seguido os estudos até o nível superior, tinham bons

empregos, família e se consideravam pessoas felizes. A diferença entre os dois orfanatos estava justamente na forma como as crianças foram criadas.

No Loczy, elas tinham liberdade, estimulação apropriada para seu desenvolvimento e adultos que demonstravam carinho, interesse e afeto. As educadoras cuidavam de uma criança de cada vez, conversando e interagindo com ela. Nos demais estabelecimentos, as crianças eram cuidadas como numa linha de montagem e permaneciam praticamente o tempo todo em seus berços.

O desenvolvimento motor e a conquista de uma motricidade fina e precisa na criança estimula o crescimento do encéfalo e a formação de novas sinapses, promovendo o desenvolvimento intelectual e a criatividade. Se desviamos as energias que servem ao desenvolvimento motor para outras atividades, podemos, no futuro, acarretar dificuldades de aprendizagem. A criança que nos primeiros anos pôde brincar e desenvolver plenamente suas capacidades motoras terá um maior domínio do gesto gráfico e uma boa noção espacial no uso do caderno. Sua motricidade estará pronta para segurar as ferramentas de escrita de forma adequada e produzir letras e desenhos bonitos. Exigir que a criança lide com o lápis muito cedo, quando ela ainda não tem a firmeza e a precisão para tal, pode levar a uma forma errada de segurá-lo que, mais tarde, comprometerá a boa qualidade de seus trabalhos. Mesmo nas crianças mais

velhas, o pegar o lápis deve ser corrigido, sempre que necessário. Se isso não é feito logo no início, também será um sofrimento para ela mudar o hábito mais tarde.

O que podemos fazer para proporcionar um desenvolvimento motor sadio?

Nos primeiros anos de vida a palavra de ordem da criança é “eu faço”, então, temos que deixar que ela faça! As crianças devem ter desafios, adequados às suas capacidades, e precisam ter a liberdade de tentar conquistá-los. Tentar, tentar e tentar, até conseguir, é típico dessa idade e é o que se transformará na força de vontade do adulto.

Nessa fase, a melhor educação vem das brincadeiras ativas livres.

Para os bem pequenos, deixar que descubram suas mãos e pés, deitados de costas num ambiente com espaço para também tentarem virar sozinhos. Deixar algum paninho ou outro brinquedo ao lado para que, ao virar, eles o vejam e tentem pegá-lo.

Quem já senta e engatinha, pode ter brinquedos espalhados pelo chão e pequenos desafios, como caixotes, virados com a boca pra cima e para baixo, onde pode subir ou entrar e mobília onde se apoiar, para tentar ficar em pé.

Para os que já andam, brinquedos de empurrar e de puxar, e depois onde possam subir e descer, pular, balançar, escorregar, trepar, etc...

Caminhar, num passeio pelo parque, pela rua, ou mesmo pelo pátio da escola, ajuda a formar o processo pensante. Para essa idade é bom que as brincadeiras sigam um ritmo, uma respiração, de expansão e contração. Assim, elas podem inicialmente brincar num espaço menor, como a sala de aula, com brinquedos pequenos, ou fazendo uma atividade manual, como modelar massinha, fazer pão, biscoitos, pintar. Depois saem para brincar num espaço grande, como o pátio, onde as atividades agora são expansivas: correr, pular corda, andar de perna de pau, escorregar, balançar.

Os brinquedos devem ser os mais simples possíveis: Panos, toquinhos de madeira, cascas de coco, bonecas de pano, baldes, pazinhas, cordas, latas, caixotes, sementes, etc. Assim, as crianças têm liberdade para usar a sua imaginação que, no adulto, se transformará em criatividade e capacidade para resolver problemas.

“Quando termina uma etapa de desenvolvimento, recebe-se uma ferramenta para as fases posteriores. Se queirmos etapas, nos faltarão ferramentas no futuro.”

- Cintia Stein



Desenvolvimento Linguístico

Podemos fazer uma analogia do desenvolvimento da criança comparando com as etapas da construção de uma casa. Para que haja uma casa, primeiro se faz o alicerce, uma fundação profunda no solo com ferragens e cimento que irão sustentar toda a estrutura que será colocada sobre essa base.

Pois bem, esse alicerce seria todo o desenvolvimento motor que possibilita o andar no final do primeiro ano de vida acompanhado de todas as vivências corporais de tato, movimento, equilíbrio e sensações internas do corpo.

Sobre o alicerce, sobem as paredes que vão sustentar o telhado. Imaginando que precisamos de no mínimo 2 paredes, elas representam o desenvolvimento da linguagem oral, ou seja a fala, juntamente com a audição, ou seja, a possibilidade de escuta dos sons verbais e ambientais que vão trazer o modelo da fala a ser seguido, a língua materna.

Agora, com alicerces e paredes, falta o telhado para ser uma casa. Esse telhado seria o desenvolvimento cognitivo, onde as ideias, a partir das primeiras representações mentais vão formar os conceitos e a aprendizagem sobre o que o mundo pode oferecer.

Então, vamos falar sobre as “paredes” ou sobre o desenvolvimento linguístico.

Marasca (2009) afirma que, dentre outros aspectos, o ensino da linguagem é de suma importância para que o pensar seja estimulado como meio de expressão.

A linguagem é a base da inteligência e das relações humanas e seu desenvolvimento passa por estágios até que o ser humano possa abstrair e reconhecer fórmulas matemáticas, físicas e regras gramaticais. Freire (1990) afirma que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e que aprender a ler o mundo pressupõe uma relação dinâmica que vincule linguagem e realidade.

Rawson e Rose (2002) defendem que as relações entre as pessoas e as coisas podem ser esclarecidas através das estruturas de sintaxe, sem as quais o ser humano não seria capaz de compreender o mundo como um todo. Neste sentido, afirmam que as estruturas mentais que usamos para o pensamento são as mesmas que usamos para formular as ideias no discurso. A consciência comum começa na oralidade.

A fim de adquirir a linguagem oral adequada, Navas e Santos (2002) afirmam que é preciso que as crianças vivenciem um ambiente estimulante e rico do ponto de vista do uso da linguagem.



Guardiola, Ferreira e Rotta (1998) dizem que a linguagem é a função mais elaborada e complexa do sistema nervoso central e relatam maior incidência de dificuldades na escrita e na leitura em crianças que apresentam atraso na aquisição da linguagem falada.

A proposta de Havelock (1991) é que durante seu desenvolvimento a criança deveria reviver as tradições orais antes do ensino da escrita por meio de um currículo que incluía canções, danças, recitações e artes orais. Completa dizendo ainda que bons leitores surgem a partir de bons falantes.

Precisamos atentar seriamente para a importância de trabalhar a formação dos educadores na Educação Infantil, apontam Snow, Burns, & Griffin (1998). Educadores de primeira infância precisam valorizar o contato individual com as crianças, promover conversas cognitivamente desafiadoras e envolver as crianças na conversação, até mesmo as mais relutantes. Precisam saber que práticas como contar histórias sendo bem conduzidas são bases para a aquisição de vocabulário. Elas promovem a consciência fonológica e preparam as crianças para o sucesso na leitura e escrita.

Os educadores da primeira infância necessitam aprofundar conhecimentos sobre a linguagem e seus desdobramentos para promover o desenvolvimento linguístico e habilidades de comunicação das crianças. Para isso, necessitam também de

vasto repertório de canções, brincadeiras cantadas, rimas, trava línguas, histórias, que podem ser adquiridos ou resgatados e reavivados de sua própria infância.

Quando falamos, produzimos uma corrente de ar que sai dos pulmões e vai até a cavidade oral, passando por diversos órgãos e estruturas. Os sons da fala são produzidos quando alguns desses órgãos e estruturas agem sobre essa corrente, ou seja, quando há mudança dessa corrente de ar. O conjunto de órgãos e estruturas que produzem os sons de nossa fala é chamado de aparelho fonador.

Na verdade, o ser humano não possui um aparelho fonador específico para a fala. Utilizamos órgãos de outros sistemas para fazer a fonação e a articulação dos sons. Assim, os pulmões que são órgãos importantes para as trocas gasosas do aparelho respiratório é utilizado com a função de “fole”, pois o ar expirado é usado para vibrar as pregas vocais na medida em que haja a intenção de fonação. As pregas vocais que vão vibrar e produzir a sonoridade, pertencem à laringe que tem a função principal de proteger as vias aéreas inferiores. Depois da fonação, o som vai ser modificado pela boca e suas estruturas (palato, língua, bochechas), que têm função principal na digestão, para ser articulado. Boca, nariz e os seios da face poderão fazer a ressonância desses sons conforme a necessidade.



Assim a fala é produzida, usando a mesma musculatura e os mesmos pontos de apoio usados na amamentação, sucção, mastigação e deglutição, ou seja: sugar, mastigar e engolir corretamente são movimentos importantes para o desenvolvimento de uma fala normal.

Amamentação/Sucção

Além de ser essencial para a alimentação do bebê, a amamentação influencia no desenvolvimento dos músculos faciais responsáveis pela **fala, mastigação e respiração** do bebê, pois exercita a respiração nasal e diminui a incidência futura de doenças respiratórias.

Entre os músculos trabalhados durante o **aleitamento materno**, especialmente até os seis primeiros meses de vida, destacam-se os que fazem parte da boca, língua, lábios, bochecha e céu da boca (palato), além da estrutura óssea crânio facial.

O fortalecimento dessa musculatura é uma resposta aos movimentos de sucção e deglutição realizados pelo bebê durante amamentação.

A musculatura facial mais flácida, pode resultar em mordida aberta, problemas ortodônticos e fala tardia. Esses sintomas são percebidos entre dois e três anos de

idade e na maioria dos casos são reversíveis através de tratamento fonoaudiológico.

Aqui temos algo importante para destacar. De forma simplificada, para ouvirmos um som, a onda sonora chega na membrana do tímpano, fazendo com que ela vibre. Essa vibração será transmitida por 3 ossículos, que articulados, transmitem essa onda sonora até a cóclea. A partir daí, essa onda será transformada em impulso nervoso e levada ao nosso cérebro pelo nervo auditivo para ser interpretada. Esses 3 ossículos estão na nossa orelha média. Ela fica sempre permeada de ar e a pressão interna desse ar é reequilibrada, porque temos uma estrutura chamada Tuba auditiva (ou Trompa de Eustáquio) que é um canal que liga esse ouvido médio com a parte posterior da garganta que é a nasofaringe. Pois bem, é por causa desse canal que quando estamos descendo a serra para a praia, precisamos mastigar algo ou soprar tapando a boca, pois essas manobras fazem o canal se movimentar e a passagem de ar vai equilibrar a mudança de pressão que estava acontecendo porque descemos a serra. Bem, vocês já localizaram essa tuba auditiva. Acontece que na criança ela é ainda muito horizontalizada (ver figura abaixo), pois a face ainda não cresceu. Então é importante, ao amamentar o bebê ou ao oferecer a mamadeira que ele esteja inclinado mais para a posição vertical do que totalmente deitado. Isso porque ao engolir, pode acontecer o risco desse leite fluir pela tuba e chegar ao ouvido causando otites dolorosas no bebê causando perda auditiva ,

até que o líquido saia e volte a ter ar nessa região. Por isso, vale esse cuidado com a postura do bebê ao mamar.

Mastigação

A mastigação exige uma associação de movimentos da língua, dos lábios e da mandíbula, muito importante para a preparação e estimulação da musculatura da boca para a articulação. Desses movimentos mastigatórios vão se desenvolver os movimentos refinados da fala. Daí, a importância da introdução dos alimentos sólidos na dieta da criança.

Crianças que só se alimentam com dieta pastosa ou com alimentos liquidificados podem vir a apresentar uma hipotonia dos músculos faciais e, conseqüentemente, ter problemas na articulação dos sons da fala

Na maioria das vezes, a “preguiça” de mastigar acontece pela hipotonia dos músculos da língua, lábios e bochechas, isto é, a flacidez desses músculos. Essa flacidez traz sérios prejuízos, principalmente, na posição dos dentinhos e na aquisição da fala. Os músculos flácidos não conseguem fechar os lábios e a criança começa a respirar pela boca. A respiração oral deixa ainda mais flácidos os músculos e a respiração nasal fica mais difícil.



Geralmente a língua da criança fica “apoiada” no assoalho da boca ou mesmo nos lábios inferiores, conferindo uma postura de boca sempre semi-aberta.

Deglutição

Após a mastigação do alimento transformando-o em bolo alimentar, precisamos deglutir, ou seja levar esse conteúdo para a faringe até o esôfago e depois ao estômago.

Nossas glândulas salivares também produzem saliva o tempo todo e precisamos deglutir para que não haja escape pela boca.

Novamente aqui, músculos e nervos participam desse processo para garantir que não haja engasgos ou desvios desse líquido. Temos 2 sistemas importantes: 1- a **úvula**, conhecida como “campainha” que fica no final do palato mole. Ela fecha a cavidade que se comunica com o nariz ao engolirmos, para que esse líquido não passe para a cavidade nasal.

2- A **epiglote**: ao descer pela faringe a caminho do esôfago, esse líquido passa sobre a laringe que se fecha através das pregas vocais e é encoberta por uma cartilagem chamada epiglote. Isso acontece para que esse líquido que foi deglutido não entre pela laringe e chegue ao pulmão, pois pode causar aspirações que podem levar a grandes infecções ou até à morte por asfixia.

Por isso, essas etapas da deglutição de um líquido ou de um bolo alimentar bem mastigado são importantes e devem estar funcionando em equilíbrio para uma boa saúde do organismo.

A importância da escuta ativa para a aquisição da fala

Quando as crianças não sabem falar “conversam” com gestos e imitam os mais velhos, buscando exteriorizar o que sentem e o que pensam. Isto até aprenderem o dom maravilhoso da palavra. O importante para este diálogo é que o adulto saiba escutar o que os gestos e as palavras dizem. As crianças nascem com o potencial para a comunicação, mas necessitam do ambiente para desenvolvê-la. Para isso tem que ser levado em conta, em primeiro lugar, tudo que tem a ver com a comunicação não verbal. Sentem-se incluídos e em segurança quando são compreendidos em seus sentimentos de aflição, alegria ou dor, expressos por gritos ou choros. Contar histórias, mostrar gravuras nos livros, cantar músicas enriquecem a experiência do bebê. A proximidade com o adulto, nestes momentos, ajuda-os a associar vivência de aprendizado com prazer e aconchego afetivo.

A voz da mãe, a música das palavras, transmite os significados emocionais que ela vive e os bebês são especialistas em captá-los. Como costumava dizer Didier Anzieu

(2006): “O espaço sonoro é o primeiro espaço psíquico”. E poderíamos acrescentar: as palavras o preenchem de significados. Convém, no entanto prestar atenção ao eventual excesso de estímulos sonoros demasiadamente intensos no ambiente. Também é necessário educar para respeitar e tolerar o silêncio – afim de que nem a música, nem as palavras se transformem em ruídos sem sentido.

Em 2003, Paulo Tatit, músico e produtor da Palavra Cantada, escreveu para a Folha de São Paulo sobre a importância do cantar, da melodia e do encantamento que essa combinação causa em bebês e crianças, ele menciona: “Quando nos comunicamos com uma criança nosso tom de voz eleva-se, fica mais agudo, e as palavras, mais alongadas. E, quanto menor a criança, mais estendemos as vogais, tornando nossa fala mais próxima de um canto. Um canto com melodias bem soltas e livres como o canto atonal de um bebê.

Um bebê primeiramente canta, depois vai colocando palavras em sua entoação tal como se faz nas canções em parceria, quando o letrista se inspira na melodia do parceiro. É assim a construção da nossa linguagem falada: primeiro a melodia, depois as palavras e os seus sentidos. A educadora conversa o tempo todo com o bebê, mas o que fica de suas mensagens é principalmente a melodia, melodia maravilhosa emitida por um instrumento muito especial: as pregas vocais. Esse som lhe dá prazer, conforto e segurança. Todo bebê deveria ter o mundo preenchido com música.

Mas nem sempre isso é possível. Numa sociedade como a nossa, em que o grau de ansiedade com o tempo mantém-se constantemente elevado, os contatos básicos e intuitivos -como o de despender meia hora para cantarolar uma melodia para um bebê- são práticas que tendem a ser alijadas do dia-a-dia. Muitas vezes, as educadoras (mães ou profissionais) nem sequer dispõem de um repertório para cantarolar. O aprendizado natural de canções que passavam de pais para filhos já foi há muito tempo interrompido. Então, cantar o quê? Como cantar? Quais melodias e quais letras?

O mercado de consumo não perde tempo e oferece suas respostas: CDs contendo músicas delicadas, muitos com sons de caixinha de música que reproduzem trechos do repertório clássico europeu, vídeo para entreter bebês “de zero a quatro anos”! Bem, eu não gostaria que minha filhinha tivesse por companhia um monitor de televisão. Um bebê precisa do toque, do olhar, do cuidado de outras pessoas!

Gosto de imaginar que o cérebro de uma criança de até dois anos ainda está em plena maturação. O processo todo só se completa na convivência com os seus semelhantes. Antes disso, o mundo do bebê é muito sonoro. Ele próprio gosta de cantar e, para acompanhar seu canto, damos a ele um chocalhinho. É curioso lembrar que o chocalho é o instrumento que todos os pajés e feiticeiros do mundo utilizam para invocar o mundo sobrenatural, o mundo espiritual, o mundo mágico.

Acho que a melhor música para um bebê é aquela emitida ao vivo por uma voz que ama o bebê. Nessa fase, não é preciso se preocupar com afinação nem com valores timbrísticos, pois tudo isso é supérfluo diante do essencial que é a nossa presença, de corpo e alma, emitindo uma melodia. Cantar e encantar são palavras com a mesma raiz e é exatamente isso que deve acontecer quando cantamos com vontade para os bebês -um verdadeiro ritual de encantamento.

Abaixo seguem itens que pode facilitar ou dificultar o desenvolvimento da linguagem:

A LÍNGUA É FÁCIL QUANDO	A LÍNGUA É DIFÍCIL QUANDO
É real e natural	É artificial
É integral	É dividida em pedaços
Faz sentido	Não faz sentido
É interessante	É chata e desinteressante
Faz parte de um acontecimento social	Esta fora de um contexto
Tem utilidade social	Não possui valor social
Tem propósito para a criança	Não tem finalidade para a criança
A criança a utiliza por opção	É imposta por outra pessoa

Não podemos esquecer que nesse período ocorre uma dieta sensorial que consiste na estimulação do cérebro para registrar e posteriormente reconhecer os odores, sabores, consistências, ou seja, sensações provocadas por tudo que for inserido na

cavidade oral principalmente alimentos (frutas, legumes, carnes...) gerando assim um padrão único para cada indivíduo.

Pela importância da qualidade dos sons ambientais e verbais oferecidos às crianças, precisamos salientar a importância de se usar uma fala simples, objetiva e clara, com articulação correta dos sons. Muitas vezes, nos contagiamos com a doçura das crianças e usamos uma fala infantilizada, que não é a indicada para elas!

Vale lembrar que o sistema sensorio motor oral e cervical não se desenvolve sem a integração com os outros sistemas corporais existentes, e que paralelamente também participaram deste processo de maturação, ou seja, desenvolvimento. Além disso, temos que considerar o meio em que vivemos, os hábitos que adquirimos e as ocorrências decorrentes de diversos fatores vivenciadas.

Especialistas, pensadores e teóricos das mais diversas áreas de conhecimento, têm contribuído com diversas definições e teorias sobre a importância do brincar como uma das linguagens das crianças, uma forma de comunicação não consciente e não verbal, através da qual elas expõem como sentem, percebem e veem o mundo. Assim, é por meio do que chamamos de expressão lúdica, que as crianças revelam como compreendem os fatos que ocorrem em sua vida. Esse brincar, que pode

se manifestar com atividades que trabalham as formas, o movimento, a arte e a música etc., é uma das linguagens expressivas não verbais fundamentais na primeira infância, que compreende o período entre o nascimento e os 6 anos de idade. Por isso é tão importante permitirmos esse espaço de liberdade na vida das crianças.

Quando pensamos na atividade lúdica, devemos levar em consideração:

- O tempo e o espaço de brincar;
- A relação entre meios e fins;
- O(s) parceiro(s);
- Os objetos;
- As ações físicas e/ou mentais do sujeito.

É fundamental tomar consciência de que a atividade lúdica infantil fornece informações elementares a respeito das crianças: suas emoções, a maneira como interagem com seus pares ou com outras crianças e adultos, seu desempenho físico-motor, seus estágios de desenvolvimento, seu nível linguístico, sua formação moral, seus interesses, suas necessidades, seus medos e potenciais, dentre outros. Para as crianças, o brincar implica muito mais do que o simples ato em si. Divertindo-se, elas se expressam e comunicam com o mundo. Para o adulto, o brincar constitui um “espelho”, uma fonte de dados para compreender melhor como se dá o desenvolvimento infantil.

Desenvolvimento Cognitivo

Relembrando a analogia do desenvolvimento da criança comparando com as etapas da construção de uma casa. Já temos o alicerce e as paredes que irão sustentar o telhado. Pois bem, o telhado seria o desenvolvimento cognitivo, onde o aprendizado e o desenvolvimento cognitivo começam muito antes da educação formal, onde quer que essa educação aconteça – em casa, na creche ou na pré-escola.

“Vai já pra dentro menino!

Vai já pra dentro estudar!

É sempre essa lengalenga quando o que eu quero é brincar...

Eu sei que aprendo nos livros,

Eu sei que aprendo no estudo,

Mas o mundo é variado. E eu preciso saber tudo!

Há tempo pra conhecer,

Há tempo pra explorar!

Basta os olhos abrir, E com o ouvido escutar.

Aprende-se o tempo todo,

Dentro, fora, pelo avesso,

Começando pelo fim terminando no começo!

Se eu me fecho lá em casa, Numa tarde de calor,

Como eu vou ver uma abelha A catar pólen na flor?

Como eu vou saber da chuva Se eu nunca me molhar?

Como eu vou sentir o sol, e eu nunca me queimar?

Como eu vou saber da terra, Se eu nunca me sujar?

Como eu vou saber das gentes, Sem aprender a gostar?

Quero ver com os meus olhos,

Quero a vida até o fundo,

Quero ter barros nos pés,

Eu quero aprender o mundo!

- Vai já pra dentro, menino! - Pedro Bandeira, 2010

Para favorecer esse desenvolvimento, é importante que os adultos ofereçam às crianças ambientes adequados.

A criança já domina os movimentos, conhece a língua e passa a perceber a interligação entre as coisas. No final deste ano, ela irá referir-se a si mesma como “eu”.

Embora muitos estudos possam apresentar outras visões e discordar de alguns pontos

de vista, no geral essa é uma boa maneira de compreender os três primeiros anos da criança. A motricidade, a fala e o pensamento são realmente metas observadas por quase todos os autores de desenvolvimento para o ciclo do nascimento aos 3 anos. A Teoria da Metamorfose diz que: *“cada estágio do desenvolvimento, contém em si, todos os seus estágios precedentes”* Goethe (1749-1832). Ou seja: a tônica de cada ano não é exclusiva de que esses processos ocorrem simultaneamente. Em seu primeiro ano, a criança é capaz de emitir sons e até conhecer palavras, mas seu grande trabalho deve ser desenvolver-se motoramente. É mais grave nesse momento pular a etapa de engatinhar, por exemplo, do que passar o primeiro ano sem conhecer muitas palavras.

O mesmo acontece no segundo ano: o desenvolvimento motor continuará em granca evolução, ao passo que a fala se desenvolverá apoiada na motricidade (as paredes se apoiaram no alicerce), por meio da coordenação dos músculos da língua e da laringe. Até mesmo o pensamento vai revelar-se à medida que a criança conhecer e utilizar a língua materna.

No entanto, é ao longo do segundo ano que ela poderá “saborear” as palavras presentes nas histórias contadas, nas conversas, é aí que podemos ajudá-la a conhecer os nomes das coisas.

No curso do terceiro ano, o pensamento ocorrerá junto com a elaboração da linguagem





falada, da gramática e da conquista de um gesto harmonioso, mais delicado e capaz de controle. Aí funcionam os contos infantis, a troca de ideias, a escuta e, por parte do adulto, as atividades que permitam às crianças tirar suas próprias conclusões sobre o mundo.

Neste momento, é necessário tomar cuidado de acolher o pensamento infantil. Muitas vezes, as ideias das crianças não correspondem à realidade do mundo. E não é necessário confrontá-las com os fatos concretos o tempo todo; elas terão a vida inteira para amadurecer os pensamentos e adequá-los à realidade.

Essa é apenas uma etapa, desenvolvimento cognitivo e devemos conduzi-la com bom humor e compreensão.

A descoberta da ligação lógica entre as coisas por meio do pensamento é o grande prazer da criança. Também é preciso ter cuidado para não antecipar as respostas, inibindo sua capacidade de entendê-la por si só.

O brincar como fonte de desenvolvimento humano

O brincar é caminho para uma educação integral. Seus benefícios para a criança incluem o desenvolvimento motor, linguístico, cognitivo, emocional, social e de

valores culturais. Quando uma criança brinca, ela entra em contato com suas fantasias, desejos e sentimentos, conhece a força e os limites do próprio corpo e estabelece relações de confiança (vínculos positivos) com o outro. No momento em que está descobrindo o mundo, ao brincar, testa suas habilidades e competências, aprende regras de convivência com outras crianças e com os adultos, desenvolve diversas linguagens e formas de expressão e amplia sua visão sobre o ambiente que a cerca. Brincando, constitui sua identidade sem se basear em um modelo único (às vezes carregado de rótulos e preconceitos), pois tem a oportunidade de experimentar as situações de maneiras diferentes daquelas vividas no mundo 'real'. Tudo isso enquanto se diverte" (PNPI, 2010, p. 52).

Embora a infância seja a idade do brincar por excelência, brincar não é uma atividade exclusivamente infantil. Pessoas de todas as idades brincam, e quanto mais os adultos mantêm sua disposição lúdica, mais criativos são e mais aptos se tornam a promover a brincadeira infantil. O assunto é sério e tem ganhado espaço em políticas públicas considerados como Indicadores de Êxito pelo **Programa São Paulo Pela Primeiríssima Infância** encontra-se crianças que:

- têm oportunidade de brincar, movimentar-se livremente em espaços internos e externos e fazer escolhas nas creches;

- têm oportunidade de expressar-se por múltiplas linguagens;

- têm vínculos seguros e fortalecidos com os cuidadores/educadores;

- frequentam creches de qualidade, com brinquedos e brincadeiras adequados e organizados de maneira a garantir seu pleno desenvolvimento e aprendizagem, permitindo que vivam plenamente sua infância;

- vivenciam uma rotina bem organizada, tornando-as capazes de fazer muitas atividades sem necessidade de comando e controle externos, bem como de organizar-se de acordo com suas necessidades e com as do grupo, aprendendo a reconhecer limites e vivenciar sua autonomia.

Por vivermos numa cultura predominantemente tecnológica, percebemos que a criança está perdendo a sua capacidade original de brincar, e em consequência disso observamos que muitas das dificuldades de aprendizagens estão associadas a estes fatores, pois segundo Oliveira (2007), "a atividade lúdica revela-se como instrumento facilitador da aprendizagem, possuindo valor educacional intrínseco, criando condições para que a criança explore seus movimentos, manipule materiais diversos, interaja com seus colegas e resolva situações-problema".

No trabalho psicopedagógico, cita-se algumas crianças apáticas e desinteressadas que brincam pouco e são muito endurecidas tanto física quanto psiquicamente. Elas

apresentam dificuldades em se expressar de forma criativa, e de se reconhecerem autoras de suas produções. Outras crianças, incansavelmente querem brincar, mas não conseguem, por excesso de tarefas ou pela ausência de conhecimento dos pais sobre o assunto.

Para que o processo de aprendizagem seja real e objetivamente eficaz, é imprescindível ampliar os conhecimentos a esse respeito, e esclarecer aos pais, educadores, e pessoas afins, a importância do brincar na sua essência, como fator decisivo para o desenvolvimento humano, e não apenas como mera discussão intelectual, ou como “coisa do passado”.

É de fundamental importância, tomarmos consciência de que a atividade lúdica é uma necessidade da criança, que propicia o seu desenvolvimento físico-motor, emocional, cognitivo e afetivo. Brincando a criança ordena o mundo à sua volta, assimilando experiências e informações, incorporando atividades e valores. O brincar permite que o aprendiz tenha mais liberdade de pensar e de criar para desenvolver-se plenamente.

O desenvolvimento cognitivo continua em verdade pela vida toda e para tal desenvolvimento é fundamental que adultos apresentem fenômenos com processos

coerentes e vivos com começo, meio e fim. A criança poderá participar de processos culinários – bater um bolo, por exemplo, (importante saber que a criança não é da facilidade – ela irá preferir bater o bolo com as mãos a usar a batedeira) – ou ajudar a fazer um canteiro com ervas aromáticas, por exemplo. São atividades simples, estimulantes e que ensinam como as coisas são feitas passo a passo e ajudam a ordenar logicamente os pensamentos. Será bem diferente se essa criança consumir somente bolos ou outros alimentos já prontos! Podemos afirmar então que nos três primeiros anos de vida, a criança passa por uma evolução progressiva de importância vital para todo seu desenvolvimento humano posterior.

Estas seriam talvez as tarefas mais arquetípicas de todo aprendizado humano. O **ANDAR** nos move, nos aproxima das pessoas, dos lugares, da natureza. O **FALAR** expressa, integra e socializa. O **PENSAR** conecta e liberta, conectar-se com o prazer de ser autor, é tornar-se mais humano, em liberdade reconhecemos nossa missão no mundo, nos dedicamos a um ideal e nos colocamos a serviço da humanidade.





Sobre o Instituto OMP

O Instituto OMP investe na educação como caminho para a transformação social através do processo de autoeducação e autodesenvolvimento do educador, pois o consideramos como sujeito e com grande potencial multiplicador, tendo por objetivo que o educador seja um modelo a ser imitado e que as crianças sejam protagonistas da vida futura. Deste modo, atuamos através de programas e projetos de formação continuada que busca através de diferentes ações contribuir com a sociedade promovendo a consciência da importância dos primeiros anos de vida do ser humano para a construção da identidade do indivíduo.

É um convite à reflexão sobre as práticas pedagógicas na educação infantil, tomando como base o conhecimento das necessidades corporais, afetivas, expressivas, sociais e cognitivas das crianças com vistas a proporcionar o desenvolvimento saudável destas, promovendo transformações na prática do educador.

Sobre Brincar e Sua Singularidade

Estratégias Norteadoras:

1) Encontros de Formação Continuada

Durante a vigência do projeto, houveram encontros presenciais de formação continuada contendo três módulos temáticos: Brincar e o Desenvolvimento Motor, Brincar e o Desenvolvimento Linguístico e Brincar e o Desenvolvimento Cognitivo.

Todos os módulos caracterizam-se por promover aulas temáticas, atividades artísticas e trabalhos manuais visando a autoeducação de seres humanos e contribuindo para o desenvolvimento de habilidades.

A atividade artística é decisiva para que o ser humano ative-se e transforme-se. Através das vivências o educador poderá perceber-se e buscar transformações em si mesmo, que somente o ser humano autoconsciente é capaz de realizar. A atividade é realizada através da Música, tendo como principal objetivo o cuidado da voz humana, tão essencial para a aquisição da linguagem nos primeiros anos de vida e por toda a vida humana.

O trabalho manual realizado coloca o educador na situação de aprendiz como seus alunos, tornando-o mais sensível para reconhecer e apoiar as dificuldades advindas





de um processo de aprendizado. Permitir-se vivenciar o processo de construção de um objeto, com começo, meio e fim, aproxima o educador da vivência processual, tão importante na primeira infância.

Tanto atividades artísticas como trabalhos manuais, podem levar à: ampliação de repertório, confecção de brinquedos, materiais pedagógicos de ambientação das salas de aula e tudo o que puder favorecer o trabalho com as crianças.

2) Visita Supervisionada

Visita à instituição parceria que possibilita aos participantes envolvidos, o aprendizado por meio da observação de ambientes e da atuação pedagógica.

Com esta ação espera-se vivenciar, analisar e refletir a prática educativa, intensificando a troca de experiências e circulação de saberes.

Elaboração e Realização:

Instituto Olinto Marques de Paulo

Referencias Bibliográficas:

FALK, J. Educar os Três Primeiros anos – a experiência de Lóczy”. São Paulo. JM Editora Ltda, 1994

FRIEDMAN, A. O desenvolvimento da criança através do brincar. São Paulo: ed. Moderna, 2006

GUARDIOLA, ANA E FERREIRA, ANA LUCIA TEREZINHA. Arq Neuropsiquiatr 1998;56(2):281-288. Associação entre desempenho das funções corticais e alfabetização em uma amostra de escolares de primeira série de Porto Alegre, 1998

IGNÁCIO, R. K. Aprendendo a andar, aprendendo a confiar – O desenvolvimento da criança pequena segundo Emmi Pikler” Edições Mainumby, 2002

LAMEIRÃO, L.H.T.; ECKSCHMIDT, S. Bola e Boneca. São Paulo: ed. João de Barro, 2015

MARASCA, ELAINE. Saúde se aprende, Educação é que cura. Primeira edição. Antroposófica. São Paulo. Brasil. 2009

RAWSON, MARTYN e ROSE, MICHAEL. Ready to Learn. From birth to school rediness. Segunda edição. Hawthorn Press. Gloucestershire, UK, 2002

HITOS, SILVIA FERNANDES E PERIOTTO, MARIA CECÍLIA. Amamentação -Atuação Fonoaudiológica -Editora Revinter, 2009

KÖNIG, KARL . Os três primeiros anos da criança – Editora Antroposófica, 1997

KRAKAUER, LILIAN H; FRANCESCO, RENATA C. DI E MARCHESAN, IRENE QUEIROZ. Respiração Oral - Editora Pulso, 2003

SHONKOFF, J. PHILLIPS D (Eds.) From Neurons to Neighborhoods: The Science of Early Childhood Development. Committee on Integrating the Science of Early Childhood Development, Board on Children, Youth, and Families, Commission on Behavioral and Social Sciences and Education, National Research Council and Institute of Medicine. Washington, DC: The National Academies Press; 2000.

SNOW, C. E S., & GRIFFIN, P. Preventing reading difficulties in young children. Washington, DC: National Academy Press, 1998

STEINER, RUDOLF . Os primeiros anos da Infância- Material de estudo dos jardins de infância Waldorf - Editora Antroposófica, 2013

TRINDADE, ANDRÉ. Gestos de cuidado, gestos de amor: Orientações sobre o desenvolvimento do bebê, Editora Summus, 2007

UNICEF - Situação da Infância Brasileira .2001 Desenvolvimento Infantil. Os primeiros seis anos de vida.

<http://www.unicef.org/brazil/pt/SIB1.pdf>

Caderno 4 - São Paulo Pela Primeiríssima Infância - Formação em Educação Infantil

Filmes

O Começo da Vida - Direção Estela Renner

PIKLER LÓCZY com Patrícia Gimael em Diálogos

<https://www.youtube.com/watch?v=eodakCWAfnw>





INSTITUTO
OMP

Olinto Marques de Paulo

Projeto brincar
e sua singularidade



programa
ilumina